BOLETIN

DE LA

REAL ACADEMIA GALLEGA

Año XIX | *Coruña, 1.º de Septiembre de 1924* | Núm. 165

DUAS FIGAS

Um meu correspondente galego disse-me que numa pedra que está encorporada em uma torre da igreja de Verín, pedra de 1 metro de comprido e de 0'5^{m} de largo, se lê a seguinte inscrição mui claramente:

AIASMAIASIEMGVO
ASES+AS6+GVASS





Por baixo ha, como se vê, duas figas, cada uma voltada para fóra, dentro de seu circuito. O mesmo correspondente pede-me que lhe interprete a inscrição, e acrescenta que na torre existem várias pedras «com signos lapidarios de los siglos XIII y XIV».

A leitura da inscrição é esta:

A' las malas lemguoas estas figuass,

isto é: «á las malas lenguas estas higas»: estas figas são contra todos aqueles que com a lingua possam fazer dano a alguem ou a alguma cousa. Em *lemguoas*, com *guoa* por *gua*, e em *figuass* com *gua* por *ga*, temos ortografía antiga, em *m* por *n*, e em *ss* por *s*, temos ortografía desleixada; *figas* por «higas» é castelhano arcaico, como ainda hoje *figos* em «no, que son *figos*», por «higos».

Não me espraio aquí fazendo considerações sobre o uso da figa na superstição, porque estou preparando um trabalho sobre o assunto, para o qual possuo já muitos materiais portugueses e estrangeiros. Basta lembrar, por un lado, que a figa não só evita quebranto (1), que póde ser produzido por *mau olhado* (2), e por palavras de excessivo louvor (3), mas exprime desprezo (4), e se contrapõe a pragas, e por outro lado que no Museu Ashmoliano ha um amuleto d' essa fórma, entre amuletos egipcios, e outro no Museu de Bolonha, entre amuletos etruscos: Elworthy, *The evil eye*, p. 255. A figa apareceu em Iviça, entre antigualhas cartaginesas do sec. VII (ou VI) ao II a. C., e igualmente como cabo de alfinetes de penteado: vid. A. Vives, *Arte cartaginesa*, est. XXVIII e XXX. Ela tambem foi conhecida no territorio lusitano na epoca romana: *Religiões da Lusitania*, III, 525-529, e está documentada na tradição portuguesa ha alguns seculos. Na Galiza gozou sempre a figa de muita importancia: vid. o rico *Catálogo de los azabaches compostelanos* de G. J. de Osma, Madrid 1916, com quem me encontrei na citação que acima fiz de Elworthy, cuja obra eu já conhecía e extratára antes de ler o Catálogo. Quando em 1902 estive na Galiza, o meu saudoso amigo D. Andrés Martínez Salazar, querendo que eu trouxesse de lá uma lembrança etnografica, presenteou-me com uma figa de azeviche analoga a algumas das que se reproduzem no Catálogo de J. Osma: hoje a conservo no Museu Etnologico Português, em Belem.

A figa é bastante conhecida por toda a Europa, sobretudo na Italia e na Peninsula Iberica: cfr. Sittl, *Die Gebärde der Griecher und Römer*, p. 102-103 e 123. Em alguns paises degenerou em brinquedo.

Nos monumentos medievais, tanto religiosos como profanos, colocavam-se não raro figuras ou objectos apotropaicos, isto é, destinados a defendê-los da acção misteriosa e malévola que o homem e os espiritos pudessem exercer neles (5). A pedra de Verín, com as suas duas figas e respectiva inscrição, deve pertencer á classe d' essas tutelas sobrenaturais.

J. Leite de Vasconcellos.

Lisboa, 28 de Julho de 1924.

---

(1) Acerca do quebranto vid. Adolpho Coelho in *Rev de sc. nat. e soc.*, III, 117 e 169

(2) Vergilio, *Bucolic.* III, 103.

(3) Vergilio, *Bucolic.* VII, 27-28.

(4) Em hesp. *dar higas;* em portug. *dar figas, fazer figas;* em franc. *faire la figue à quelqu' un;* en italiano *far le fiche.*

(5) Cf. o que escrevi no *Archeologo Portug.*, XXIII, 241, onde, na nota 2 de p. 243, cito o *Evil eye* de Elworthy.

CANCIONEIRO COLOCCI-BRANCUTI

Como é sabido, o códice, conhecido por este nome, foi casualmente descoberto pelo professor Constantino Corvisieri, pouco depois de 1875, perto de Iesi (Italia), na livraria do Conde Paulo Antonio Brancuti de Cagli, e depois estudado e copiado, na parte que completa o da *Vaticana*, por Henrique Molteni, a quem a morte arrebatou na flor da idade, com 24 anos apenas, e que fora discípulo do grande filólogo italiano, Ernesto Monaci, falecido em 1819, que, tendo dado á estampa em 1875 este último cancioneiro, fez o mesmo em 1880 á copia do malogrado e esperançoso mancebo. Provem-lhe a denominação que hoje tem do humanista Angelo Colocci, que no seculo XVI foi talvez o primeiro que o estudou, e do último possuidor. Das mãos deste passou ás do mencionado professor Ernesto Monaci, primeiro por empréstimo, em maio de 1880, depois por compra, em 15 de fevereiro de 1888, como êle o declara numa nota, escrita a lapis azul pelo seu proprio punho nas costas da capa de frente da encadernação, onde tamben se acham uma gravura com um monge a folhear livros e a seguinte declaração: *Biblioteca Ernesto Monaci, MDCCCXLIV-MCMXVIII.* Após várias e demoradas negociações, entrou finalmente na posse da Biblioteca Nacional de Lisboa, em 26 de fevereiro deste ano, o almejado manuscrito.

É êle um grosso volume, constituido actualmente, depois da enumeração de Molteni (1), por 355 folhas de papel, cada uma das quais mede 0,28^{m} de alto e 0,21^{m} de largo. Tendo sido liso na sua origem, foi depois regrado, mas só na parte escrita, de modo a formar duas colunas, separadas entre si por um espaço em branco de 0,01^{m}; as margens teem esta medida: a superior 0,03^{m}, a inferior 0,04^{m}, a lateral esquerda 0,03^{m}, a direita 0,06^{m}; as linhas verticais, porém estendem-se a todo o comprimento da folha; o espaço destinado á escrita, isto é, o das duas colunas, é portanto de 0,13^{m}, e o número total das linhas de 31 em cada folha de papel, que, a ajuizar das diversas marcas de fábrica, parece provir, segundo Monaci, de Fabriano.

Houve descuido na enumeração das cantigas, repetindo-se umas vezes os mesmos números, outras colocando-se sob um e mesmo número duas; muitas folhas deixaram de ser aproveitadas; a letra provem de

(1) Dalguns cadernos se vê ter havido começos de outra mais antiga.

várias mãos e tem a forma da em uso nos fins do seculo XV, fazendo-nos suspeitar que o possuidor do arquétipo ou o interessado na sua reprodução teria talvez encarregado da copia mais de um indivíduo, que nessa operação não utilizou todo o caderno, sem que o seguinte deixasse de seguir o número que precedia nas folhas em branco. Da omissão de várias estrofes, muitas vezes indicadas apenas por iniciais, bem como de aqui ou ali se não ter completado a cópia parece deduzir-se que o original se encontrava já bastante deteriorado. Alguns nomes de autores e rubricas foram postos mais tarde, no seculo XVI, como mostra a letra diferente e que Monaci diz ser a de A. Colocci.

Não me deterei a descreber o códice até o n.º 478 e bem assim de 1.500 a 1.561 e 1.573 a 1.578, por ter essa parte visto já a luz da publicidade, mas notarei que o n.º 1 de C. V., que apenas traz a primeira estrofe, corresponde a 391 em C. B., que tem as duas mais que faltam e se podem ler no *Cancioneiro da Ajuda* (447), editado pela snr.ª D. Carolina Michaelis de Vasconcellos; os n.ºs 2 a 57 de C. V. enumeram-se em C. B. de 392 a 445, observando que os n.ºs 31 e 32 de C. V. constituem uma única cantiga em C. B. sob o n.º 420, não existindo aqui a rubrica *Joham Guilhade;* que o n.º 431 tem completa a cantiga de que C. V. (43) apenas transcreve a 1.ª estrofe e se pode ver no n.º 243 do C. A., onde tambem se encontra a 1.ª estrofe que C. V. (44) omite e se acha em C. B. (432), no qual não aparecem os nomes *Joham Vaasquim* (aliás *Vaasquiz)* e *Fernã Velho*, que antecedem respectivamente 45 e 46 do C. V.; os n.ºs 446 a 450 são exclusivos de C. B.; 451 a 455 acham-se publicados na parte dada á estampa em 1880, por ocasião do tricentenário de Camões e já o tinham sido em C. V., onde teem os n.ºs 58 a 60; são privativos ainda de C. B. os n.ºs 454 a 478, do último dos quais existe um verso unico *Joham Rodriguez vejo-vos queixar;* 1.500 a 1.561, mais a rubrica *Mẽe Paez fez estas cantigas de mal dizer*, á qual se seguem este verso, *Dizer-vos quero como oí chufar*, uma cantiga por numerar, mais a que o editor apôs o n.º 436, e 1.573 a 1.578, o que tudo se pode ver na copia de Molteni. A folha a seguir ao n.º 478 está em branco e na que vem após esta começa o n.º 479, que corresponde a 62 de C. V. Indicarei agora o que é especial a C. B. e portanto o faz divergir de C. V.

Depois de 529 contou-se outra vez 520 e d' aqui por diante até 526; mais, em vez de 527, pôs-se 518, começando de novo a contar-se d' aqui. O n.º 570 está repetido. Em 575 (179 de C. V.), depois da 1.ª estrofe, escreveu-se *Elrey don Denis;* o resto da cantiga continua no verso da folha, sob o n.º 576, ficando assim com dois números.

No n.º 610 estão compreendidas as cantigas que em C. V. teem os n.os 212 e 213. Depois da 2.ª *finda* de 212 ha uma linha em branco, a seguir D com a linha respectiva e mais quatro, igualmente em branco; veem em seguida os versos que em C. V. constituem o n.º 213, com falta de *N*, no advérbio negativo que inicia a estrofe, e d' este verso que a remata:

Porque pois mh á de matar mat' amor. (1).

e ainda de mais estas que completam a cantiga:

E poys amor en tal guisa me ten
En sseu poder que defensa non ey
De parar morte e, poys eu certo sey
Que por dona a morrer me conven.
Catarey.

E ben vej' eu per qual poder en mi
Amor tomou que non ey deffensson
D' escusar morte, poys eu tal razon
Ey por dona de prender mort' assy,
Catarey já das donas a melhor,
Porque pois mh á de matar mat' amor.

No n.º 611 lançou-se a letra inicial D mais uma cruz e, após pequenino espaço, ainda na mesma linha, escreveu-se *foi em que eu podi;* seguem-se 12 linhas em branco com duas cruzes na margem esquerda; na folha imediata acham-se tambem inaproveitadas 21 linhas, apenas com estas letras F H M E, iniciais doutras tantas estrofes, e na margem esquerda 4 cruzes; na linha 22.ª escreveu-se *Pero Larouco.*

Os n.os 613 e 614 correspondem a um só em C. V, isto é, 215. No verso lê-se no alto da coluna direita *Steuam Fernandiz d' Eluas,* e entre este nome e a transcrição da estrofe *Estes que agora,* etc., medeiam 6 linhas em branco.

Repetiu-se o n.º 615, mas emendou-se o lapso, escrevendo-se 617 na cantiga seguinte. O n.º 632 está tambem repetido, mas não se escreveu 635, saltando-se de 634 a 636.

C. B. ortografa *Camanez* o apelido do autor da cantiga n.º 651 e não *Camanes,* como C. V. (252). Á margem do n.º 664 (266), lê-se *nova repetitio* e sobre a cantiga *V.ce gil ut supra.* Repetiu-se igualmente o n.º 665. A rubrica *Don Ioan da uoyn* encontra-se não antes do n.º 665, como em C. V. (267), mas na margem, ao lado da canção imediata.

(1) No texto, matamor.

Do n.º 670 (273) duas mãos diferentes copiaram só a 1.ª estrofe e apenas *Dizẽmi*, principio da seguinte, depois deixaram-se em branco 10 linhas, o verso d' essa folha e mais 4, a seguir tornou-se a escrever, na 10.ª linha, por inteiro a estrofe *Dizemmi*, etc., que atrás se havia começado, lançando-se á margem o n.º 671, que depois se riscou, contudo na seguinte pôs-se 672.

Antes de 691 não se repetiu o nome do autor, como em C. V. (293); tambem nada se escreveu antes de 698, ao contrario de C. V. (299). Depois da cantiga 701 estão em branco 21 linhas, começando a 702 no alto da coluna direita dessa folha, em seguida á rubrica *Don Fernandiz Cogominho*. As rubricas *Roy Queimado e Meen Rodrigues Tenoyro* precedem respectivamente os n.ºs 713 (314) e 716 (317). A seguir a 755 enumerou-se 776 e não se tornou a repetir o nome do autor, como em C. V. (359). Depois da cantiga 778, que se compõe de duas estrofes, escritas na coluna esquerda, e mais cinco versos na direita, o resto d' esta, o seu verso e mais 2 folhas estão em branco. Antes de 781 (365) escreveu-se *Dom Affonso Sanchez*, mas omitiu-se este nome nas composições que se sucedem, contrariamente ao que fez C. V. Aquela cantiga (781) ocupa a coluna direita com duas estrofes; de uma terceira apenas se escreveu a letra inicial A, deixando de utilizar-se o resto da coluna. Da 782, no verso respectivo, ao que se lê em C. V. (366) seguem-se 7 linhas em branco e depois a letra S, inicial d' outra estrofe, com 7 linhas em branco. Depois da primeira estrofe da cantiga n.º 783 ha um espaço em branco, destinado por certo á transcrição d' outra. Da n.º 803 apenas se lançou este número, ao lado esquerdo da coluna direita, que está toda em branco, com excepção de duas linhas, tomadas pelos dois ultimos versos da anterior, deixando assim de se copiar a que em C. V. tem o n.º 387 e a rubrica que a acompanha. Em 814 e 818 tambem se não repetiu o nome do autor, como em C. V. (398 e 402). Não se transcreveram nem a rubrica nem a cantiga que a segue e em C. V. tem o n.º 410. Ao n.º 824, que termina a meio da coluna direita, seguem-se 16 linhas em branco. Em 825 escreveu-se a estrofe que C. V. (411) omitiu, deixando de utilizar o espaço evidentemente a ela destinado; essa estrofe reza assim:

Mui triste andades e non sei eu
o por que é, poi' lo non dizedes;
dizede-mho e non vos seja greu
que est aquest' ou por que o fazedes,
par Deus, senhora, mha coita e meu
mal estou eu se o vós non sabedes.

O n.º 845 tem, no nome do autor, a mais que C. V. (431) *de Nuno Anes.* No n.º 848 (434) acrescentou-se *irmão de Martin Soarez,* que em C. V. procede o immediato. Em vez de *Caludo* de C. V. (436), tem C. B. (850) *Caluelo.* No n.º 857 escreveu-se só uma estrofe; o resto d' essa coluna (direita), isto é, 16 linhas, o verso da folha e ainda duas mais estão em branco. Antes de 859 (444) lê-se *Dom Meen n°s de briteyros* (1), na seguinte porem *Dom Iohan de Meediz de besteyros.* O n.º 873 começa na linha 15.ª, col. esquerda do verso da folha respectiva; á 874 seguem-se 6 linhas em branco. O n.º 878 que não figura em C. V. compreende só tres versos e por sinal deturpados, como o antecedente (em C. V. 461) os quais eu leio assim:

E d' amores lumã para
logran sabor de serquix que ay
senõ lo mel matara.

Depois de 879 e 882 ha em branco respectivamente 11 e 7 linhas. Ao n.º 885, que engloba dois de C. V., 466 e 469, e ocupa a col. direita, com excepção de tres versos, e quasi toda a esquerda do respectivo verso, seguem-se em branco 12 linhas e mais 22 da coluna direita. Antes de 887 (471) lê-se *Martim mouxa ut supra hic.* A cantiga que se segue a esta rubrica tem a mais que em C. V.:

e roubã camĩha nõ
et nõ demõ

e esta estrofe:

Perdesse
Porque nõ (nõ) hã homẽs que os defenda
Nẽ laurã uinhas nẽ laurã herdades
Nẽ ar tẽe per u sse pag' a renda
Perdẽssas aoras.

Depois de duas linhas em branco lê-se:

prez e mesura ūjrom (?) et cedado,

a seguir outras 8 igualmente em branco. A segunda metade da coluna (esquerda) que vem depois do n.º 888 (472) e 23 linhas da direita encontram-se tamben em branco. A cantiga immediata finda na linha 17.ª da col. esquerda da folha seguinte; o resto d' essa pagina, o o seu verso e mais umã folhã acham-se em branco. Em 891 falta a *fiinda* que traz C. V. (475). Ao *Roy Fernandiz* de C. V. (484) acres-

(1) No texto, *b' teyros.*

centa C. B. (899) *de Santiago*. Do n.º 901 (486) copiou-se até *fazer* (4.ª estrofe); a seguir, na folha imediata, continuou-se assim:

E no meu mal sempre cuydar
Ben me posso maravilhar
Por minha morte non aduzer
(Uma linha em branco)
E nunca deus queyria prazer
Que nunca el queira mostrar
A nulh' ome tanto pesar
Quanto el poderia sofrer.

J. J. Nunes

(Continuará).

NUEVOS DOCUMENTOS PARA LA HISTORIA DEL PATRONATO JACÓBEO

Una carta de Quevedo. — Unas décimas gallegas del siglo XVII. — Intervención de la ciudad de Santiago

(Continuación)

II [1]

A carta tan bien cortada y de tan insinuantes elogios, no podía por menos de contestar Frey Francisco de Quevedo y hubo de hacerlo en otra, ni menos conceptista que aquélla, ni de mérito inferior a muchas que como modelos andan por las antologías. Fué encontrada la tal carta por el meritísimo Archivero del Ayuntamiento compostelano, D. Pablo Pérez Costanti, (maestro de los que somos novicios en las lides históricas y admiración aún de los más sabios en ellas), en el fajo rotulado «*Varia.— Cartas de diferentes entidades y particulares — 1627 a 1632*—», existente en el Archivo de la Catedral compostelana, formando una hoja doblada, infolio, sin encabezamiento, en cuya parte exterior dice: «✠ — *Señor Don Fran.co de Quevedo — Villegas — Ma-*

(1) Véase el número 164 de este Boletín.

drid p.° de Febrero de 1628 — receuida en 12 — resp.da en 13». Se trata de un autógrafo en letra cursiva, que deja en la hoja margen de un tercio y ostenta la conocida firma de Quevedo.

Dice así:

«La onrra i la merced que V. S.i me a hecho con su carta no la esperaba io porque se que no meresco premio por aber hecho esta defensa que si dejara de hazerla mereciera castigo. mas el glorioso aPostol por la mano de V. S.i dispensa con liberalidad i antizipadas las onrras i preuiene con su aliento la congoja de los que como io son flacos i combatidos. no hallo en mi cosa que no me oblige a morir si fuere conveniente. por esta causa el ser español me pone en el vasallaje de nuestro vnico i solo Patron Santiago. i el ser noble i no tener sangre de hombre en quien cortase su espada es circunstancia que agraua este reconoçimiento. En todo el ser que tengo de manera señor que cuando llega la obligacion de Caballero de su orden no halla que obligar en mi vida ni en mi onrra io cedo i muchas graçias de Dios porque me dio este conoçimiento.

Ya beo quan indignamente con pocas letras me e mezclado en esta causa a tan graues i esclaresidos escritores. mas biendo quan desenfrenada multitud de maladuertidos ladraban a la gloria del Sancto apostol me pareçio mortificarlos con mi poca autoridad i partes i que padeçiesen por mortificaçion algunos renglones mios en que nuestro buen deseo si no buen entendimiento digo uerdad i defiendo uerdad con modestia aunque probocado y la libertad de mis palabras es bien nasida porque deçiende de la grande razon que fundo en los meritos del Sancto es bien intensionada porque pleiteo restituçion. ino despojo açierto i concordia no rindo novedad e padeçido grande i pesada contradiçion i aun no e descansado de su porfía.

Pero tampoco me a uençido pues ia mi pequeño Papel a dos dias que se imprime. la estafeta que biene le podre remitir a V. S.i i si tubiere mas que perdonar que agradecer lo llebara en paçiencia con saber que lo escrebi io. este memorial sirbe de Prologo i ba a haser lugar a otro de maior bolumen que estoi escribiendo contra todos los papeles antiguos i modernos que se an impreso en esta razon por este compatronato i aunque en este deciendo la mala dotrina de un papel que sin nombre de autor corre ia con que es del S.or Obispo de Cordoua. i otro del Padre Frai pedro de la madre de Dios que es el postrero i el peor tragolo aora letra por letra por caridad no por contradiçion que son cosas que corriendo en Romançe lleban ciçaña y beneno de

herrores i malas dotrinas a la facilidad del pueblo. ello es tal lo escrito que hare bien en contradeçirlo mas no mucho. todo lo remitire a V. S.ª para que conozca mi buena uoluntad i quando quedo reconozido rogando a Dios nuestro S.or dea V. S.ª larga uida en buena salud para onrra i gloria del Sancto Apostol nuestro solo Patron nuestro Primero padre en la fe nuestro primero libertador en la vida i en la onrra en Madrid es oi primero de febrero de 1628.

Don francisco de
Quevedo-Villegas» (1).

Esta carta que ha permanecido inédita hasta hoy, tiene una importancia que no preciso encarecer. Por ella sabemos las intenciones que guiaban al señor de la Torre de Juan Abad, en su intervención en el pleito del Patronato, si bien tiene mucho de protocolario y ceremonioso, como de quien escribe a altas personas que piden su protección. Gústanos más la *desafeitada elegancia* con que maneja la pluma en aquellas cartas a D. Pedro Girón, *el grande Osuna*, que publicó Rodríguez Marín (2); en muchas, como la dirigida a un tal Martinico, de las que publicó Fernández Guerra; mas aun así, ¿cuantas bellezas no hay en esos párrafos llenos de harmonía en que las palabras estrujadas rezuman ideas, o en esos otros en que el pensamiento en sucesión elegantísima va mostrando la profundidad de sus múltiples facetas? Dejando a un lado el examen literario de la tal carta, que puede muy bien hacer el lector, y siguiendo con nuestro pleito, diremos que el tal «Papel que ha dos días se imprime», según dice Quevedo, no es otro que el primer memorial que escribió sosteniendo la protección del Apóstol. Mas es de notar que ya tenía escrito sobre este pleito, antes del 14 de Enero de 1628, porque cuando en dicho día le escribía el prior de Uclés, D. Jorge de Orea Tineo (3), le decía así: «El señor don Gonzalo Pérez Valenzuela me dijo como vuesamerced tiene escrito un papel valentísimo en defensa del patronato de nuestro gran patrón Santiago, y que se mandará imprimir; un tanto suplico a vuesamerced me encamine, si la edición se difiriese. Esta causa la tuve siempre por propia, y hoy con mejor título, que el convento de Uclés me ha electo por prior de aquella santa casa». Más adelante hablaremos de esa «valentísima defensa», que no es otra que el «Cauterio de verdad».

(1) Transcripción paleográfica.

(2) Rodríguez Marín, *Doce cartas de Quevedo, Unas parcial y otras totalmente inéditas*, «Boletín de la Real Academia Española», t. I, cuaderno V, págs. 586 a 607, Diciembre de 1914. Madrid. Typ. de la R. A. B. M.

(3) Fernández Guerra, op. cit., p. 538, carta xxxv.

El Cabildo compostelano contestó así a la carta de Quevedo, aun antes de recibir el tal memorial (1):

»El acierto de la defensa de nuestro singular patrón Santiago, que tiene a tan buen puerto el noble, devoto y purísimo ingenio de vuesamerced, encierra tantos títulos para nuestra confianza, que quizá es el menor el del aplauso universal, de que tienen asentada y ejecutoriada posesión (aun en provincias extrañas), los curiosos y macizos estudios de vuesamerced: que todo junto con la varia lección, letras humanas y divinas, historia griega y latina, no pueden componer otro sugeto o supuesto que al señor de la villa de la Torre de Juan Abad, honra de este siglo, milagro y asombro de los pasados.

No es de maravillar, Señor, parezcamos casi aduladores, donde nos faltan aun palabras para dar a vuesamerced las gracias debidas a los favores que nos hace en su carta de 1.º de febrero; poniéndonos con tantos motivos y tan bien fundados, en seguro, no menos que fortificados, contra el aparato de tan insufrible novedad. Crece más esta confianza, pues tan en breve nos honrará vuesamerced con su papel, que a esta hora será acabada su impresión; pudiendo justamente dar a vuesamerced por él anticipadas gracias, y en él reposar nuestro lastimado corazón; tan lleno vendrá de finezas y consuelo.

Besamos a vuesamerced las manos, suplicándole se sirva de creer estar esta santa Iglesia dispuesta a servirle en el grado que se siente con la asistencia de vuesamerced favorecida y honrada. Guarde Dios a vuesamerced y le conceda toda felicidad, como puede y deseamos. Santiago, en nuestro Cabildo, 13 de febrero de 1628. — Doctor Diego de Quiñones, presidente. — Licenciado Lorenzo de Valencia. — Don Pedro Bullón de Figueroa.

Por acuerdo de los señores deán y cabildo, de la santa iglesia apostólica de señor Santiago, único, solo y singular patrón de las Españas. — *Don Jerónimo de Córdoba.* — Señor don Francisco de Quevedo y Villegas.»

En efecto, bajo el título de *Memorial por el patronato de Santiago, y por todos los Sanctos naturales de España, en fauor de la elección de Cristo N. S.*, no tardó en salir de la casa que la Viuda de Alonso Martín, tenía en Madrid, la tan esperada obra de Quevedo (2).

---

(1) Fernández Guerra, p. 539, carta XXXVII.

(2) Publicado por Fernández Guerra, t. I. págs. 222 a 234, de las citadas *Obras completas de Quevedo*. El mismo Fernández Guerra, en el Catálogo de algunas ediciones que pone al frente de dicha obra y tomo, págs. XCIII y XCIV, da las siguientes notas bibliográficas:

Mas veamos que hacía entre tanto el Cabildo de la Catedral compostelana, antes de entrar en el estudio de las derivaciones que el tal *Memorial* trajo consigo.

«En 6 de Noviembre —dice López Ferreiro (1) refiriéndose, según parece, al 1627— mandó que se imprimiese el alegato, que había hecho el Arzobispo D. Fr. José González, en favor del patronato de Santiago. A principios del año siguiente, costeó la impresión de las representaciones que habían hecho el Magistral Sr. Villafañe, el Doctoral Sr. Can-

---

19. § *Memorial por el patronato de Santiago y por todos los Sanctos naturales de España, en fauor de la elección de Christo N. S.*

Escríbele D. Francisco de Quevedo Villegas, Cavallero del Hábito de Santiago.

(Un grabado que representa la cruz de Santiago, despidiendo rayos: en la parte superior, se ven dos nubes (figura que llueve la izquierda), y en sus centros, respectivamente, se leen estas palabras:

BOANERGES BANEREEM

Debajo, y a cada lado de la cruz, una gran concha con este letrero:

VENERA VENERA

La cruz se alza sobre este otro:

I A ELLOS

Limitan la estampa, a derecha e izquierda, sendos bordones).

Job, cap. 19, v. 29: *Fugite ergo á facie gladij, quoniam vltor iniquitatum gladius est, et scitote esse iudicium.*

Con licencia. En Madrid. Por la Viuda de Alonso Martín. Año 1628.

Licencia y tasa: Madrid 14 de Febrero de 1628.

Erratas: 10 de Febrero.

Comienza: «A la alteza del Mvy Poderoso Señor el Consejo supremanente Real de Castilla en su Tribunal.

Después que los señores reyes.....»

Colofón: Con licencia. En Madrid. Por la Viuda de Alonso Martín. Año M. D. C. XXVIII.

(8.° Edición original. La portada y preliminares ocupan cuatro fojas. Lo demás, donde hay numeración, consta de 54 completas).

§§ 1628.

1628.

20. (Hay otra edición del *Memorial*, hecha en Barcelona en este mismo año por Pedro Lacavallería, en 4.°).

25. Otra edición en Zaragoza, por Pedro de Verges. Año 1629. *(No está rubricado).*

Consérvase este ejemplar en el Museo Británico.

Como bibliografía sobre este *Memorial* y complemento a la historia del pleito del compatronazgo con Santa Teresa, véase:

Cuadernos originales de Cortes del Archivo de la Cámara de Castilla.

El tribunal de la justa venganza, fol. 271.

Pedraza, *Historia eclesiástica de Granada*, fol. 280.

León y Pinelo, *Historia de Madrid, año de 1627.*

Tarsia, *Vida de Quevedo.*

Ortiz de Zúñiga, *Anales de Sevilla*, fols. 635 y 653.

Crónica de los Carmelitas descalsos, fol. 923.

Pascual Bueno, editor de la obra póstuma de Quevedo, *Providencia de Dios.*

Fernández Guerra, op. cit., t. I, págs. 221 y 222, nota (a).

(1) López Ferreiro, op. cit., p. 57. El sentido de la frase es muy ambiguo.

gas y el Doctoral de Decreto Méndez de Andrade y el Canónigo de Jaén Licenciado Pedro de Losada y Quiroga. La de este último llevaba el título de *Defensa del único y singular patronato de Santiago,* se imprimió en Compostela en 1628 y fué dirigida al prelado de aquella metropolitana» (1).

Imprimióse entonces una *Respuesta* a éste por un devoto de la Santa y otras dos corrieron de mano. En los sermones también se combatió el exclusivo patronazgo de Santiago, contándose entre otros, el del padre Fray Francisco Boil; el del padre Francisco Pimentel, jesuita, predicador de Su Majestad, y otros catorce más que cita Fernández Guerra, según el cual, en algunos sostuvo el orador que Santiago no había venido a España, lo que empeñó a infinitas plumas en probar su venida (2).

Imprimiéronse también la *Copia del auto capitular que hizo la Santa Iglesia de Jaén en 31 de Diciembre de 1627, tocante a la defensa de la singularidad del patronazgo del Apóstol Santiago* y la *Copia de la carta que la Santa Iglesia de Badajoz escribió a su majestad del rey don Felipe IIII, nuestro señor, tocante al pretenso patronazgo de santa Teresa de Jesús a 14 de Enero de 1628* (3).

A partir del *Memorial* de Quevedo, trabóse una singular refriega entre sus secuaces y los partidarios de la Santa. Entre las muchas cartas que de toda España se le escribieron, junto con las desabridas frases del P. Fr. Francisco de la Concepción, prior del convento de San Hermenegildo, de Madrid, con las que dictó la sensatez y el ofendido cuanto legítimo orgullo de Sor Beatriz de Jesús, la sobrina de Santa Teresa, y las de sincera felicitación de D. Alvaro de Monsalve, Canónigo de Toledo; del Cabildo Catedral de esta ciudad, del poeta Salinas, del rector del Colegio de San Ildefonso, de Alcalá de Henares; de don Frey Mendo de Benavides y de aquellas de la Freila, D.ª Jerónima de Gaóna, priora de las Comendadoras de Santiago en Granada, tan monacales, tan femeninas....., se encuentran las que escribió el Arzobispo de Santiago, D. Fray José González, religioso dominico, y que dicen así (4):

«El arcediano Sanz del Castillo me remitió el *Memorial* que vuesamerced hizo en defensa del glorioso apóstol Santiago, deseando conservarle en la gloria de único patrón; de que yo y esta iglesia estamos

(1) Fernández Guerra, op cit., p. 424, nota 25.
(2) Ibíd., notas 26 a 30. El autor no especifica oradores, lugares, ni fechas.
(3) Ibíd., notas 31 y 32.
(4) Ibíd., *Epistolario,* págs. 540 a 542, cartas XXXVIII a XLVI.

muy reconocidos y con deseos de que se ofrezca ocasión en que mostrar nuestra voluntad; que solo el decirnos que vuesamerced es su autor, basta para tener el justo crédito. No lo he visto, porque lo recibo agora y se va luego el correo, y no quise diferir el dar a vuesamerced estas gracias, remitiéndome a dárselas más cumplidas en viéndole. Y en el interín mire vuesamerced en que le puedo servir, que acedere con mucho gusto. Guarde nuestro Señor a vuesamerced felicísimos años. De Santiago y febrero 27 de 1628.

(De mano del prelado): En el poco tiempo que he tenido, he visto el *Memorial* antes de firmar ésta y está lleno de mil grandezas de todo género. Pienso que le agravio en decirlo, pero aseguro a vuesamerced que nos tiene a todos con singularísimo consuelo y no menor reconocimiento. El Santo es fiador de tan grandes obligaciones. — *El Arzobispo y Señor de Santiago.* — Señor don Francisco de Quevedo.»

Aparte de todos estos documentos de carácter privado, salieron un memorial de D. Francisco Lucio de Espinosa, un papel de D. Fernando Mieres Carvajal, contrario a los religiosos de la Reforma, otro del Obispo de Córdoba en favor de la Santa y en igual sentido otro de D. Francisco de Melgar, canónigo de la doctoral de Sevilla, de la cual hay dos impresiones muy diferentes (1).

La iglesia de Santiago ordenó a su lectoral escribiese una *Respuesta* (cuya publicación costeó), a lo que *Por la sagrada religión de los Carmelitas descalzos* escribió el catedrático de prima de Canones en Salamanca, Dr. Juan de Balboa Mogrovejo; el propio lectoral Dr. Benito Méndez de Andrade, según Fernández Guerra, es autor de otros varios papeles sobre la materia (2).

También salió en defensa de Santa Teresa, D. Melchor Alfonso Mogrovejo, arcediano de Olmedo y canónigo de Ávila (3).

José Filgueira Valverde.

(Continuará).

(1) Fernández Guerra, op. cit., p. 424, notas 34 a 37.
(2) Ibíd., 38 y 39. López Ferreiro, op. cit., p. 58.
(3) Fernández Guerra, op. y loc. cit., p. 40.

ARCHIVO DE SECRETARÍA DE LA SOBERANA ORDEN DE MALTA

RELACIÓN DE DOCUMENTOS

(Continuación)

DOCUMENTOS

Legajo número 1

Cuaderno 1.º Beneficios curados.—Comisión de beneficios simples.—Comisiones varias.—Comisiones de beneficios curados.—Encomienda de Paradiñas.—Id. de Cerecinos.—Id. de Ciudad Rodrigo.—Id. de Villaescusa.—Id. magistral del Viso.—Id. de Calasparra.—Id. de Vallejo.—Id. de Castronuño.—Id. de Zamarramala.—Id. de Quiroga.—Nombramientos, elecciones, comisiones, admisiones y licencias pertenecientes a los conventos de comendadoras de San Juan.—Encomienda de Cubillas.—Id. de Salamanca y Paradiñas.—Id. de Villapañada.—Id. de Villela.—Id. de Alcolea.—Id. mayor de Puente Orbigo.—Id. de Tocina.—Id. de Zamayosa. Sigue la encomienda de Benavente.—Encomienda de Fuente la Peña.—Id. de Zamora y Valdemimbre.—Id. de Fresno y Torrecilla. Sigue la encomienda de Puerto Marín.—Bayliaje del Santo Sepulcro.—Encomienda de Beade.—Id. de León y Mayorga.—Bayliaje de Lora.—Id. de Nuevevillas.—Curatos (nombramientos, solicitud de nombramiento de notario económico de la encomienda de la Bóveda).—Expediente referente a la Prelada del convento de San Juan de Acre.—Id. de queja contra el Párroco Vicente Alvarez.—Id. de traslación.—Idem.—Id. referente a capilla y capellanes de los baños termales de Archena.—Id. de vacante del Curato de San Martín de Bedro.—Comunicados a la Asamblea.

Legajo número 2

Expediente de órdenes de D. Isidoro Margarito Villoslada.—Id. y de patrimonio de D. José López Varela.—Id. de José Alvaro López y González.—Id. de Pedro Martín Rodríguez.—Id. de Martín Velasco Tovar.—Id. de Gregorio Martín y Mendoza.—Id. de Ruperto Hernández Rodríguez.—Expediente creado a instancias de varios vecinos de la parroquia de Santa María de Baamorto contra su Párroco D. An-

drés Blanco.—Expediente de órdenes y patrimonio de D. Tomás Herrero y Tejedor.

LEGAJO NÚMERO 3

Expediente referente a la dotación del culto de la parroquia de Castro Nuño. Año de 1869.—Id. de parte de D. Antonio García Viejo. Año de 1870.—Id. de parte de D. Pejerto Victorino Castrillón y Peñamaría. Año de 1871.—Id. de órdenes de D. Casimiro López Fernández. Año de 1872.—Id. de órdenes de D. Antonio Arias. Año de 1872. —Id. de órdenes de D. Pedro Hernández Carrier. Año de 1872.—Perteneciente al expediente creado para la traslación de D. Felipe Gómez. —Expediente de vacante y nombramiento de Palazuelo de Vedija. Año de 1857.—Nota de los expedientes pendientes para dar cuenta.— Expediente de parte de D. Valentín Alonso y García. Año de 1870.— Apuntaciones sobre Curatos.—Expediente de vacante de la parroquia de la villa del Olmo. Año de 1868.—Id. de íd. del Curato del lugar de Santiurde. Año de 1868.—Id. de íd. del Curato de Santa María de Villanueva, extramuros de la villa de Allariz. Año de 1869.—Id. del Priorato de Santa María de Madridejos. Año de 1868.—Id. de vacante del Priorato de San Pedro de Osoño y sus anejos San Juan de Enjames y Nuestra Señora de la Expectación de Vilarello da Cota. Año 1869.—Id. de íd. de la parroquia de San Juan de Paradavella. Año de 1868.—Id. de íd. del Priorato de la villa de Bamba. Año de 1869.—Id. de íd. de la parroquia de San Juan de Ribadavia. Año de 1868.—Id. de íd. de la parroquia de San Salvador de Moreda. Año de 1868.—Decreto del señor Presidente sobre los expedientes de órdenes. Año de 1854.—Id. de quejas dadas contra D. Felipe Gómez, Párroco de San Pantaleón. Año de 1849.—Id. creado por la orden de Su Alteza el Sermo. Sr. Infante D. Sebastián, autorizando a la Asamblea de la Orden para el despacho de la Cámara prioral. Año de 1834. —Id. de vacante del Priorato de Turleque. Año de 1869.—Id. de íd. del Priorato de Santa María de la villa de Madridejos. Año de 1869.— Id. de íd. del Curato de San Juan y San Pedro de la villa de Castropuerto. Año de 1871.—Id. de íd. del Curato de Santa María del Hospital del Condado. Año de 1871.—Id. de íd. del Priorato de Villafranca de los Caballeros. Año de 1872.—Id. de íd. del Curato de Santa María de Bóveda. Año de 1869.—Id. de íd. del Priorato de Peleas de Abajo. Año de 1870.—Id. de íd. de la parroquia de la villa de Cañizal. Año de 1869.—Expediente sobre haberse arruinado la iglesia de Castronuño. Año de 1871.—Id. de vacante del Priorato de San Cris-

tóbal de Salamanca. Año de 1871.—Id. de íd. del Curato de Santa María de Montefrío. Año de 1871.—Comunicación de las Encomiendas de Bamba-Villatoro-Turleque.—Expediente canónico sobre la conducta moral del Presbítero D. Miguel García, capellán de los baños de Archena. Año de 1872.—Id. de vacante de la parroquia de San Pantaleón. Año de 1855.—Id. de órdenes de D. Antonio Núñez y González. Año de 1868.—Id. de íd. de D. Juan Bautista Pérez Gómez. Año de 1870.—Id. de reclamación del cargo de Vicario interino de la Encomienda de Vallejo y nombramiento para desempeñar la jurisdicción eclesiástica de dicha Encomienda. Año de 1861.—Id. de órdenes de Martín Velasco Tovar. Año de 1868.—Expediente de parte de D. Manuel Valín. Año de 1870.—Id. de íd. de D. José Rodríguez y Cobelas. Año de 1872.—Id. por D. Felipe Gómez para que se le reponga en el Priorato de San Pantaleón. Año de 1868.—El Vicario de la Asamblea, sobre que D. Manuel Gómez cumpla con las cargas de Capilla que tiene por otro sacerdote. Año de 1850.—Expediente creado por D. Pedro Santiago Pérez, pidiendo el nombramiento de Cura párroco del Hospital de Orbigo. Año de 1858.—Id. referente a la deposición del Prior y Vicario de la Encomienda de Alcolea del Río, D. Joaquín Bencano, por la Junta Revolucionaria. Año de 1868.

Legajo número 4

Expediente de patrimonio de D. Florentino Fernández de la Castañeda y Calleja. Años de 1868 y 1869.—Comunicado para la asistencia de la entrega de la rosa de oro dirigido por el Infante D. Gabriel al Presidente de la Asamblea de la Orden y respuesta de éste. Año de 1867.—Expediente referente al Oratorio público restaurado en la parroquia de San Juan de Arnado. Año de 1867.—Id. creado por Fr. Bernardo Francisco Conteyro, pidiendo la libertad. Año de 1850.—Comunicando el nombramiento de Contador de la Orden en D. Fernando de Ceballos y León. Año de 1865.—Expediente para habilitar a D. Francisco de Rojas. Año de 1863.—Id. creado por la comunicación de la Presidenta del Convento de San Juan de Tordesillas sobre los contratos precedentes a la admisión de novicias. Año de 1858.—Id. sobre las Encomiendas Magistrales. Año de 1849.—Id. creado por el testamentario de D. Valentín Santos Díaz, remitiendo la causa en que intervino como actuario. Año de 1859.—Id. de vacante y nombramiento del Priorato de Nates y Juivilla. Año de 1854.—Id. referente a la destitución de D. José Guillén y Zafra. Año de 1868.—Expediente de D. Ra-

món Pérez y Fernández. Año de 1867.—Id. de órdenes de D. Tomás Herrero y Tejedor. Año de 1872.—Id. referente a la Coadjutoría de Archena. Año de 1859.—Id. referente a la directiva del Convento de Iglesia de Religiosas Mercedarias de Lora del Río. Año de 1868.—Id. de parte de D. Ezequiel Herrero y González. Año de 1870.—Id. de órdenes de D. Pedro Robledo y Ruíz. Año de 1869.—Id. de órdenes de don Florencio Rubio y Lozano. Año de 1869.—Id. de órdenes de D. José Rodríguez y Cobelas. Año de 1869.—Id. de órdenes y patrimonio de D. José Bermudo y Vilches. Año de 1870.—Autorización a la Asamblea por el Infante D. Gabriel, transmitiendo su autoridad. Año de 1854. —Exposición de D. Ildefonso Moreno Marín, solicitando la Tenencia de Calaspavia. Año de 1872.—Comunicación del fallecimiento de don Pascual Altire y Castilla, Prior de San Cristóbal de Salamanca y Vicario interino de las Encomiendas de Salamanca y Paradiñas. Año de 1872.—Comunicado de D. Antonio Tejedor, referente al nombramiento de Ecónomo de la parroquia de San Juan y San Pedro de la villa de Castrofuerte. Año de 1872.—Comunicación del vicario interino del Bayliage del Santo Sepulcro de Toro y Encomiendas agregadas, referente a D. Pedro Zacarías Lorenzo y Villar. Año de 1872.—Exposición de D. Julián Mediavilla Castaño, solicitando el curato de San Juan y San Pedro de la villa de Castrofuerte. Año de 1872.—Nombramiento de Ecónomo de Santa María del Hospital del Condado, al Presbítero exclaustrado Fr. Antonio Alvarez Rodríguez. Año de 1872.—Expediente de vacante de la parroquia de Villaescusa. Año de 1869.—Id. de ídem y nombramientos de la Capellanía de los Baños Termales de Archena. Año de 1852.—Id. referente a la provisión de Curatos. Año de 1863.—Renuncia de la coadjutoría de Sebastián Feijóo y Labaza. Año de 1872.—Comunicaciones del Vicario interino D. Buenaventura Alvarez, sobre el robo de la iglesia de Torrecilla de la Orden. Año de 1872.—Id. del Vicario interino D. Antonio Tejedor, sobre el robo de la parroquia de Valdavida. Año de 1872.—Exposición del Vicario interino D. Luis Rama, Prior de Santa María de la villa de Poyos, pidiendo licencia. Año de 1872.—Id. de la comunicación del Vicario interino de la encomienda de Quiroga, Incio y Osorio, referente a D. Vicente Alvarez. Año de 1872.—Id. de Josefa Civeira. Año de 1872.—Suplicatorio del Vicario del Bayliage de Lora del Río, pidiendo las cuentas de varias capellanías. Año de 1872.—Exposición de D. Felipe Gómez. Año de 1870.—Comunicación del Vicario interino D. Antonio Tejedor, referente a los aniversarios de Buslatur. Año de 1862.—Exposición de D. Diego José Muñoz. Año de 1861.—Comunicación del Vicario inte-

rino D. Buenaventura Alvarez, referente a la traslación del cadáver de D. Benigno Martín Casado, desde Zorita de la Frontera al campo santo de Torrecilla. Año de 1866.—Comunicado del vice-presidente Fray Antolínez de Castro. Año de 1860.—Comunicación de la Dirección General de Propiedades y Derechos del Estado, referente a la venta de los bienes de encomiendas provistas. Año de 1861.—Exposición de don Vicente Alvarez y D. Francisco Pérez. Año de 1866.—Minuta referente a la comunicación del Excmo. Sr. Jefe de la Real Casa de S. A. el Sermo. Sr. Infante D. Sebastián Gabriel, referente a D. Diego José Muñoz. Año de 1867.—Id. de íd. de íd., referente a Fr. José Joaquín González. Año de 1867.—Toma de posesión de D. Joaquín Bencano. Año de 1865.—Exposición de D. José M.ª Ruíz y Torrecilla, solicitando se le admita a los ejercicios. Año de 1873.—Id. de D. Eusebio González, íd. íd. Año de 1873.—Id. de D. Regino Elvira Urones, íd. ídem. Año de 1873.—Id. de D. Jovita Sánchez Villar, íd. íd. Año de 1873.—Id. de D. Ildenfo Gutiérrez Sánchez, íd. íd. Año de 1873.—Id. de don Mateo de Vega y Domínguez, íd. íd. Año de 1873.—Id. de D. Víctor Cortiella y Somoza, íd. íd. Año de 1873.—Id. de D. Ramón Casanova y Casanova, íd. íd. Año de 1873.—Id. de D. Buenaventura Alvarez, íd. ídem. Año de 1873.—Id. de D. Luis Gangoso y González, íd. íd. Año de 1873.—Id. de D. Juan de Mata Ibarra, íd. íd. Año de 1873.—Id. de D. Casimiro Luis, íd. íd. Año de 1873.—Id. de D. Manuel Sarmiento Tejedor, íd. íd. Año de 1873.—Id. de D. Basilio Otero del Río, íd. íd. Año de 1873.—Id. de D. Domingo García Ponce, íd. íd. Año de 1873.—Id. de D. Ramón Pérez, íd. íd. Año de 1873.

FERNANDO SUÁREZ DE TANGIL Y DE ANGULO.

(Continuará).

A CITANIA DO MONTE "A CIDADE" EN SAN CIPRIÁN DAS LÁS

(Continuación)

Dend' o couto d' A Cidade a vista esparéxese en amplas perspeutivas. Domiñanse dend' alí as ribeiras do Barbantiño, fondas y-arboreadas, o borde oucidental dos Chaos d' Amoeiro y-a chá do val de San Amaro, qu' alonga os seus lameiros e searas hastr' as divisorias do Arenteiro e do Avia. En troques o curso do Miño y-as suas veigas vizosas, a bisbarra mais importante e mais perta, queda case que por inteiro fora d' ollar,

tapada pol-o cume do San Torcato, que por sere mais outo, por estar orientado car' o Miño, e por ter mellores condiciós defensivas, parecía había de sere preferido com' a lugar d' emprazamento d' unha vila forte; podéndose espricar, iste ô parecer, erro estratégico, soilo pol-a necesidade de dar â fortificación unha superficie môr do que permitía a cativeza da chá terminal do San Torcato, na coal algús vestigios d' antigos muros y-hastr' a esistenza da capela, adicada a un dos santos que pirmeiro foron adourados na Galicia, fan supor si alí habería un pequeno castro, o culto d' un deus tópico ou as duas cousas ô mesmo tempo.

De todas maneiras, posta A Cidade en lugar outo e descoberto, que deixa ollar grandes estensiós de terreo e sin poder sere alcanzada pol-os tiros de ningún outeiro domiñante, compre d' abondo coas condiciós topográficas da case totalidade dos castros e citanias, estando com' agora imos ver, compensada a flebeza de seu emprazamento, pol-o rexo e ben disposto das suas defensas artificiás.

IV

AS MURALLAS Y-A PORTA

A citania de San Ciprián das Lás, tivo en tempos, trés murallas (véxase croquis), de geito oval que cinguían concentricamente a sua área. A mais interior determíñase con esautidude na totalidade da liña de seu desenvolvemento. As pedras qu' a formaban, vense esborralladas car' o lado de fora (fig. 2), e no outo aflora un alicerce de trés metros d' ancho, feito de cachotes de 30 a 50 centímetros, labrados na parte esterior y-asentados hourizontalmente en seco, pero con tanto coidado, que forman un paramento ben juntado e sin saíntes. As outras duas murallas teñen sofrido mais as injurias do tempo; na parte do leste, ocupada por eidos de propiedade particular, a sua presencia adiviñase soilo por algús pequenos outeiros, e por grandes montós de pedras; e na parte d' oeste, embora a segunda muralla aflore ainda no chao, a terceira e mais esterior, ten desaparecido case que por compreto. En troques pol-o sul e pol-o norte, os alicerces d' istas duas obras defensivas, asimesmo de trés metros d' ancho, e d' idéntica costrución qu' a pirmeira, pódense seguir n' unha longa liña.

Mais, ainda perscindido, dos vestigios de que denantes falamos, non se pode supor con fundamento, que ningunha das duas murallas esteriores ofrecese antigamente istas soluciós de continuidade. O geito de defensas, tan corrente en poboados prehistóricos e protohistóricos, qu' aproveitaba as condiciós do terreo pra murar somentes os sitios mais espostos ô ataque dos inimigos, non podía ser empregado na Cidade, que non ten

por ningures cortaduras a pico, nin río, nin quebrada fonda, qu' aforrase ôs seus moradores, parte do traballo de fortificación. Pol-o contrario, a sua costa pouco pina e uniforme a todol-os aires, pra sere protegida con ésito tivo qu' estar tapada por igual a todos eles; e como queira que pol-o leste e pol-oeste é por ond' A Cidade está mais perto dos lugares de Freás y-Ourantes e das Lás y-Eiras respeutivamente, y-os veciños d' istes lugares veñense servindo d' ela com' a d' unha cómoda canteira, é de supor que pra outeñel-a pedra que lle cumpria, esborrallaron case por compreto as construciós que tiñan mais a mau.



Figura 2.ª

En col da outura d' istas murallas non se pod' enxergar cousa ningunha con esautitude. A mais esterior, cicais fose a menos elevada, pol-o menos o amontoamento qu' indica a sua presencia é ben mais baijo, qu' os correspondentes ás outras duas. No treito comprendido entr' iste muro y-o segundo, había prauticada unha escavación, qu' ainda se nota con nitideza, que debía de facer oficio de foso, e cuya fondura cicais atinguira cinco ou seis metros (fig. 3), servindo as murallas hastra chegar rent' ô chao natural, pra conter as terras d' unha e d' outra veira.

Do esposto resulta, qu' a citania de San Ciprián das Lás, estaba protegida por un triple cinto de fortificaciós, geito típico de defensa d' ista crás de vilas. Briteiros, Sabroso (1), Santa Luzia (2), Santa Marta de Fal-

(1) Sarmente non chegou a sistematizar n' unha obra de conjunto, as suas ouservaciós en coldas citanias, y-o seu labor inmenso, anda espallado en moitos artigos de revistas e jornás. Vex. sobor de todo «A Renascença»; anos de 1878 e 1879 y-a «Revista de Guimarães» vol. XIII a vol. XXVI.

(2) Leite de Vasconcellos, Op. cit.

perra, Monte do Castro e Monte Redondo (1), entr' outras tiñan un semellante sistema defensivo, que soilo por esceución atópase na península fora do circo dos castros, embora presentando com' a na céltiga ou celtibérica Termantia, algunhas difrencias, tales com' aparecer no canto dos dous muros esteriores singelos terraplés (2).

Unha cuestión dina d' esámen deteñido, é a da situación e forma das comunicaciós co esterior da citania que nos ocupa. Gómez Moreno (3) cré qu' as dos castros por il visitados na región do Douro, consistian, n' unhas estreitas canellas, formadas por un reviramento do muro car' o



Figura 3.ª

interior; unha das entredas de Termantia, que foi feita rachando unha ergueita penedía (4), presenta un aspeuto semellante; no Monte de Santa Tecla, descobríuse fai pouco tempo, outra comunicación análoga, provista d' escaleira e franqueada por dous bastiós, y-a mesma porta do castro Lupario, que descrebe Castellá Ferrer, na sua *Vida do Apóstol Santiago* (5), parece sere d' un geito imitante.

En San Ciprián das Las, as únecas entradas que descobre o ollar, están postas no sul e case en liña reuta nas trés murallas. Son singelas soluciós de continuidade, que foron feitas, sen dúvida, despois da total

(1) Albano Bellino, *Cidades mortas*, «O Archeologo Portugués», vol. XIV, págs. 1 e segs.
(2) Adolfo Schulten, *Monumentos e historia de Termancia*, «Boletín de la Academia de la Historia», t. LXIII, 1913, págs. 461 e 571.
(3) Op. cit.
(4) Schulten, Op. cit.
(5) In. Monuel Murguía, *Galicia*, Barcelona, 1888, pág. 59.

ruiña d' A Cidade pra deijar paso ôs carros dos qu' ali van a rozal-o toxo y-as carpazas, e que nada parecen ter que que ver coa primitiva costrución.

Craro está qu' antiga porta pudo abrirse en calquera dos lados en qu' os muros, teñen desaparecido case por compreto, pero na parte suleste, e perto do lugar no qu' aquiles comenzan aflorar no chao, vese un gran amontoamento de pedras, indicado no croquis con liñas de puntos, que pol-a sua disposición car' o interior do recinto, pol-a sua outura, que cega o foso y-acocha os alicerces, fixonos matinar, si será o que queda d' unha entrada semellante âs que denantes mencionamos.

Unha esproración, que logo emprincipiaremos n' iste lugar, e de cuyos resultados hase dar conta n' outra memoria, dirá si as nosas supositiós, eran ou non atinadas.

V

AS MENSURAS

As trés murallas d' A Cidade forman, com' é natural, trés recintos concéntricos, que nomearemos en adiante e contando de fora a dentro: Pirmeiro, Segundo e Terceiro recinto.

As mensuras d' iste derradeiro son as siguientes:

Diámetro môr de N. a S.. . .	105 metros.
Diámetro pequeno de L. a W. .	85 metros.

O segundo recinto, dend' a sua muralla â de terceiro mede:

Pol-o N.	91 metros.
Pol-o S.	138 metros.
Pol-o L.	102 metros.
Pol-o W.	75 metros.

O pirmeiro recinto, moito mais pequeno qu' o acostumado n' outras citanias ten o seu muro afastado de segundo 16 metros.

Temos pol-tanto, engadind' as cifras apuntadas, os 18 metros de ancho das murallas, os diámetros totales d' A Cidade representados pol-os números seguintes:

Diámetro môr, de N. a S.. . .	384 metros.
Diámetro pequeno de L. a W. .	314 metros.

Mede ista superficie, o redor de nove hectáreas, nas que, apricand' e sistema empregado por Schulten, pr' averiguar e número d' habitantes de Termantia (1) pódese enxergar que viviría unha poboación de porte de 7.000 presoas.

FLORENTINO L. CUEVILLAS.

(Continuará).

SECCION OFICIAL

JUNTA EXTRAORDINARIA PÚBLICA DE 3 DE AGOSTO DE 1924

Celebróse en el salón de sesiones de la *Reunión Recreativa e Instructiva de Artesanos*, de la Coruña, con objeto de recibir como Numerario, al electo D. Valentín Villanueva.

Fué presidida por el Excmo. Sr. D. Manuel Lago González, Arzobispo de la Diócesis y Académico de Número, quien tenía a sus lados al Ilustrísimo Sr. D. Florencio Cerviño, Obispo de Orense; al Excmo. Sr. Don Pío López Pozas, Gobernador Militar y Civil; D. Francisco Ponte Blanco y D. Eladio Rodríguez González, respectivamente Presidente propietario y Secretario de la Academia; General D. Dionisio Muro, Presidente de la Diputación Provincial; D. Julio Lozano, en representación del Ayuntamiento de la Coruña, y D. Félix Estrada Catoira, Presidente de la *Reunión de Artesanos* y Tesorero de la Academia.

En torno sentábanse los demás señores Académicos y representantes de los Centros y entidades culturales de la Coruña.

Asistió a la solemnidad numeroso público, entre el cual se veían muchas y distinguidas señoras.

Abierta la sesión, los Académicos Sres. Estrada y Rodríguez González, salieron a buscar al Sr. Villanueva, acompañándolo hasta el sitial que le estaba reservado.

El recipiendario dió lectura a su brillante discurso «Estudio de la personalidad de Fray Manuel Martínez, Obispo de Málaga», por el cual fué muy aplaudido al finalizar su lectura.

Contestó a dicho discurso con otro muy erudito, el Sr. D. Eugenio Carré Aldao, quien fué también calurosamente aplaudido.

Luego el señor Arzobispo dió posesión de su cargo al Sr. Villanueva y le impuso la correspondiente medalla, recibiendo el nuevo Académico las más expresivas y afectuosas felicitaciones de todos sus compañeros y de parte del público que presenció el acto.

(1) Op. cit.

LITOGRAFÍA E IMPRENTA ROEL—CORUÑA